

Açorianidade Revisitada Novas Posturas

Dra. Antonieta Costa¹

CITCEM, Universidade do Porto
antonieta_c@hotmail.com

Resumo

O papel que a mentalidade da época (entendida como pensamento social), tem na visão do mundo e nas atitudes das comunidades humanas face às representações desse mundo, é particularmente decisivo na determinação de uma cultura em fundação, que surja do nada. Tal terá sido o caso dos Açores. Será pois necessário, para o entendimento da cultura açoriana, ter em conta os factores básicos da mentalidade da época (primeiro quartel do séc. XV), acrescidos das suas representações junto de cada um dos grupos sociais de povoadores. Este conjunto terá formado o “Mito Fundador”, do qual sobressaem alguns traços comuns à “cultura Celta”, tais como a primazia do *espiritual* sobre o *temporal*.

Palavras chave: mentalidades, *espiritual vs. temporal*

Abstract

The role that the mentality of an era (understood as social thought) has on the world vision and in the attitudes of human communities, in what concerns the representations of the world, is particularly crucial in determining a culture in formation. That might have been the Azorean case. For the understanding of the Azorean culture, it will therefore be necessary to be aware of the basic factors of the mentality of the first quarter of the 15th century, besides the social representations characteristic of each group of settlers. Such an assemblage of factors formed the “Founder Myth”, from which stand out some marks common to the “Celtic culture”, likewise the priority of the *spiritual* over the *temporal*.

Keywords: Mentality, Spiritual vs. Temporal

O Arquipélago dos Açores, povoado há mais de meio milénio por Portugueses e (inicialmente) Flamengos, alberga uma população cujas particularidades têm suscitado curiosidade, por parecerem distinguir-se das suas origens. Essa diferença tem sido objecto de variadas caracterizações, procurando causas e explicações quer no meio ambiente físico (mar, isolamento, sismicidade, etc.), quer no emocional e sócio/político (devido aos destinos desta população serem controlados do exterior). A presente proposta, porém, procura esclarecimento noutra tipo de variáveis, tendo em consideração a importância que tem a fase inicial do fundamento de uma cultura. Em consequência, irá abster-se de referenciar o já longo e ilustre histórico deste processo de inquirição².

O âmago da pesquisa dirige-se a algumas especificidades da mentalidade da época do povoamento, não só aquela evidenciada pelo poder político, mas principalmente a implícita nos que a contrariavam (embora destes se pense que “não reza a história”...).

A opção pelo estudo da mentalidade da época, como linha argumentativa, é motivada por duas razões:

- a) A importância hoje em dia atribuída ao pensamento social dominante no fundamento de qualquer novo agregado populacional (desde que sejam mantidas as condições de comunicabilidade). No caso em questão, recorda-se que, não existindo nenhum legado anterior (mais ainda, tratando-se de “terra virgem”, não sacralizada), a mentalidade dos primeiros povoadores tende a estabelecer-se com grande pertinácia, desempenhando um papel semelhante ao do “mito fundador” (M. Eliade; W. Burkert). Este fenómeno é também estudado, por exemplo, pela Teoria das Organizações, no estabelecimento de uma nova empresa, ao verificar-se que, quer a personalidade do fundador, quer a cultura da empresa (nela fundamentada) tende a manter-se ou eternizar-se, mesmo em situações adversas (Schein 1983)
- b) Os grupos sociais de onde partem novos povoadores são geralmente constituídos por pessoas que não estão (ou não se sentem) devidamente integradas no seu meio, não só por possuírem ideais que não conseguem concretizar, mas também por apresentarem outros problemas de vária ordem, como por exemplo, financeiros, com a justiça, com a Igreja, etc., pelo que a emigração surge como solução.

Estas duas vertentes da linha argumentativa servem de base ao desenvolvimento da exposição.

A mentalidade da época

A UNESCO dedicou, a partir de 2001, uma atenção especial a uma forma de pensamento social que designou como “Património Imaterial”, propondo aos países constituintes da Organização das Nações Unidas a protecção das objectivações e/ou manifestações desse pensamento, materializadas nas várias culturas, na forma de

... práticas, representações, expressões, conhecimento, técnicas – assim como instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais com eles associados – que comunidades, grupos e, em alguns casos, indivíduos, reconhecem como parte da sua herança cultural. Esta herança cultural imaterial, transmitida de geração em geração, é constantemente recriada pelas comunidades e grupos

em resposta ao seu meio ambiente, à sua interação com a natureza e sua história, providenciando-lhes um sentido de identidade e continuidade, promovendo respeito pela diversidade cultural e a criatividade humana.³

Ao colocar em destaque este *bem* – o pensamento social (ou a mentalidade) subjacente a estes comportamentos –, a UNESCO aponta a sua importância como condicionador da cultura, classificando essas manifestações como suas representantes.

Com efeito, através da disciplina da História das Mentalidades, já tinha sido chamada a atenção pública e dado a conhecer os longos períodos de permanência (por vezes, milhares de anos) de uma ideia, de uma interpretação do mundo e do homem perante ele, resultando na criação do sentimento de identidade e sentido de pertença às comunidades que a partilham⁴.

O Património Imaterial, que a UNESCO pretende ver corporalizado nos comportamentos que selecciona e classifica como “Património da Humanidade”, poderia na realidade ser melhor definido na área da espiritualidade, se não fosse tão difícil (para o Mundo Ocidental) a sua abordagem.

Tal classificação virá no entanto familiarizar, gradualmente, o pensamento materialista Ocidental com esse outro lado do espectro – o do espírito, que no passado foi valorizado e respeitado em toda a Europa arcaica, reconhecido como uma das duas dimensões da natureza humana (corpo e espírito), mas que vem perdendo importância na actualidade, relegado para segundo plano.

É nesta inversão, imposta à escala de valores dos povos conquistados, que se irá centrar a atenção e o argumento aqui defendido.

Origens Portuguesas

Na altura do povoamento dos Açores, que acontece a partir de 1430s, o meio rural português atravessava a perturbação (agudizada pelo pensamento Renascentista), do divórcio criado na relação entre corpo/espírito. Despoletado em toda a Europa erudita, pelo valorizar da razão sobre a intuição, mas já insidiosamente iniciado com a invasão romana, e com o confronto com novo paradigma social imposto por este, essa mudança abalou as estruturas do pensamento, dividindo os tempos e as populações. A sociedade peninsular (século I a.C.), habituada a subordinar o político ao religioso (entenda-se – ao “espiritual” que depois passa a ser Cristão), seguindo o modelo do pensamento arcaico, enfrenta a nova ordem (institucionalizada pelo Império Romano), como uma hecatombe ética. O poder (anteriormente atribuído ao religioso/pagão/espiritual) passa a ser ditado pelo Estado.

Sabendo-se que estes fenómenos da Cultura, entendidos como “partilha de ideias” e fundamentados em arquétipos e mitos (seus reprodutores), possuem uma natureza a-histórica, no sentido de não se subordinarem a barreiras cronológicas, ou de serem difíceis de referenciar, uma vez que dependem de fenómenos sócio psicológicos, do domínio do privado, baseados numa interação constante entre os membros de cada cultura e na negociação das alterações a estabelecer, não se pretende coordená-los com outros acontecimentos históricos. A sua referência poderá, portanto, parecer caótica, ao ser observada sob esse prisma. Mas o tema assim o obriga.

Neste sentido, entende-se que a dicotomia entre os dois modos de pensar, que tinha sido instalada pelo confronto do pensamento arcaico (espiritual) com o “burocrata” racional e materialista, do Romano invasor, é reforçada, séculos depois, pela forma tendenciosa como a filosofia Grega foi recuperada pelo Renascimento,

aproveitando e seleccionando desta apenas o que se ajustava às novas tendências, degradando o património espiritual herdado.

O facto é analisado em relação à Cultura Celta e ao modo como sucumbiu, não apenas à eficiência e superioridade tecnológica dos Romanos e às mudanças radicais que o invasor instalou na estrutura social das regiões que ocupava, mas, como referem Françoise Le Roux e Christian-Guyonvarc'h, devido a causas muito mais profundas. Os autores identificaram o fulcro dessas diferenças como constando de uma espécie de dessacralização da vida, resumindo-o assim:

Os Celtas mantiveram a primazia da *autoridade espiritual*, representada pelo Druida e subordinaram-lhe o *poder temporal*, representado pelo Rei.
Roma deu prioridade ao *poder temporal*, representado pelos Cônsules, substitutos do Rei e subordinou-lhe a *autoridade espiritual*, representada pelos Flâmines (Le Roux; Guyonvarc'h 1993: 159)

O descalabro moral causado por esta alteração não cessa de se reproduzir, impedindo a concentração de esforços no acesso aos bens espirituais, desviando-a para a posse de poder (ou bens materiais).

Portugal Continental assumiu redobrada importância nesta abordagem através da cultura Celta, face às recentes descobertas efectuadas por cientistas no domínio da genética⁵ que situam os primeiros povoados Celtas, não na Europa central, mas entre os povos que habitaram a península Ibérica durante a última glaciação. Segundo um estudo efectuado por estes cientistas, envolvendo 10.000 voluntários Ingleses e Irlandeses, os actuais escoceses, galeses e irlandeses descendem de emigrantes da Península Ibérica, Espanha e Portugal, que se dirigiram para Norte entre 4.000 e 5.000 a.C.

A Cultura Celta, dispersa pelos muitos povos com essa origem, manteve no entanto alguns aspectos do seu pensamento nuclear, caracterizado pela dominância do espiritual sobre o temporal, visível na monumentalidade das construções ligadas ao Culto dos Mortos, únicas sobreviventes da cultura material.

Em Portugal Continental, mesmo tendo em conta as diferenças entre o meio urbano e o rural, a resistência à mudança de atribuições de poder pode ser avaliada na literatura da época. A meio do século XIV o pensamento arcaico ainda predominava no Portugal Continental profundo. Foi dessa matriz que saíram os contingentes de povoadores dos Açores. Terá ela funcionado como um “mito fundador”?

Quanto aos Flamengos, podemos observar que também as suas origens continham originalidades em relação à restante Europa, principalmente no que respeita à noção de “igualdade social”. Este valor, inédito para a época, surge expresso nos motivos escolhidos pelos pintores (que também foram pioneiros no uso do óleo). A referência à igualdade social é manifesta na representação de cenas do quotidiano popular, facto inédito na pintura de então, que retratava apenas assuntos religiosos e figuras do poder.

Uma natural tendência para as artes, música, pintura, literatura, teatro, joalheria, entre outras, fazia da Flandres da época (1300s/1500s), não só um centro difusor de arte, mas também das novas ideias (de onde brotou a classe média). Estas novas ideias manifestavam-se inclusivamente na religião, no modo como foram acolhidos os protestos contra os abusos da Igreja de então (personalizados depois por Martim Lutero), provocando perseguições religiosas que obrigaram muitos a emigrar.

O Mito fundador

O que Mircea Eliade⁶ diz, ao referir-se ao “mito de criação”, tem grande pertinência na interpretação do que poderá ter acontecido com os primeiros povoadores dos Açores (hipoteticamente, os fundadores da cultura Açoriana). Para ele, a presença constante do pensamento mítico (também nos Portugueses), é determinante na criação de um certo tipo de cultura:

O Arquétipo continua a ser creador mesmo quando se degrada para níveis cada vez mais baixos. Tomemos por exemplo, o mito das Ilhas Afortunadas ou do Paraíso Terrestre, que não só perturbou a imaginação dos profanos mas também a ciência náutica até à gloriosa época dos grandes descobrimentos marítimos. Quase todos os navegadores, até mesmo aqueles que perseguiam uma finalidade económica precisa (caso do caminho marítimo para a Índia), tinham *também* em vista o descobrimento das Ilhas dos Bem-aventurados. Ou do paraíso terrestre. E toda a gente sabe que não faltou quem imaginasse que eles tinham, com efeito, descoberto a Ilha do Paraíso. Dos Fenícios aos Portugueses, todos os grandes descobrimentos geográficos foram provocados por este mito da região edénica. E foram só estas viagens, indagações e descobertas as que adquiriram um sentido espiritual e foram creadoras de cultura. .../... Queremos com isto dizer que o homem, ainda que escape a tudo o mais, fica irremediavelmente preso às suas intuições arquetípicas, creadas no momento em que tomou consciência da sua situação no cosmos. A nostalgia do Paraíso denuncia-se nos actos mais banais do homem moderno. O *absoluto* não pode ser extirpado; ele é tão só susceptível de degradação. E a espiritualidade arcaica sobrevive, à sua maneira, não como *acto*, não como possibilidade de realização real para o homem, mas como nostalgia creadora de valores autónomos: arte, ciência, mística social...(Eliade 1970: 508).

Eliade explica que essa “geografia mítica” criadora de cultura e de um “sentido espiritual” não se verificou noutras viagens, como as que resultaram na criação de bases comerciais dos Genoveses na Crimeia e no Mar Cáspio, ou as dos Venezianos na Síria e no Egipto. Ela permaneceu através da “... “Ilha dos Bem-aventurados” sobreviveu a Camões, atravessou o século das luzes, a época do romantismo e não perdeu o seu lugar no nosso tempo” (Eliade 1970: 508).

A diferenciação entre a “geografia mítica” e a de carácter utilitário, de meros negócios, está estabelecida ainda entre nós, segundo o autor, nas viagens de férias, nos cruzeiros em paquetes de luxo, etc. Embora o mito tenha sofrido uma grande degradação, para Eliade, ele continua lá presente, dando origem à actividade criadora, ou pelo menos à sua nostalgia.

A *função* da região edénica, privilegiada, permaneceu imutável, só a sua valorização sofreu numerosos desvios, desde o Paraíso Terrestre (no sentido que a Bíblia dá a esse nome) até ao paraíso exótico com que sonham os nossos contemporâneos. .../... Em todos os níveis da experiência humana, por muito modestos que se suponham, o arquétipo continua a valorizar a existência e a criar valores “valores culturais” (Eliade 1970: 509).

Este pode ser um dos exemplos da influência exercida pelo “Mito Fundador” numa cultura em formação. A sua materialização acontece a todos os níveis, mesmo no mundo de negócios actual onde o poder agregador do mito fundador é desenvolvido pela Teoria das Organizações, com crescente insistência (Nelson 2007).

Nos Açores

A mitologia subjacente à descoberta do Arquipélago parece enquadrar-se na descrita por Mircea Eliade. Havia um ideal, comum às sociedades rurais europeias (àquelas influenciadas pela ideologia Celta): a sobrevalorização dos valores espirituais sobre os temporais. Essa ideologia, que de um modo geral, sucumbiu à oposta, romana, terá viajado nas naus das descobertas, procurando, quiçá, um novo destino mais favorável à sua sobrevivência.

A dar-se o fenómeno da “criação de cultura” referido por Eliade como acontecendo quando a viagem resulta na implementação do ideal, os açorianos revelariam ainda alguns dos mitos comuns à origem e já muito degradados no território nacional. Distinguindo-se destes apenas por os mesmos se terem alterado lá, formariam um repositório que tem sido notado como “açorianidade” e que os portugueses continentais revêem com saudade.

Predominância do espiritual sobre o temporal

Na cultura Celta, preponderante em quase todo o território português (Mcevoy; Richards; Forster; Bradley 2004), a tradição bárdica, onde os bardos, assim como os filli, se tornaram poetas profissionais (Le Roux; Guyonvarc’h 1993: 128), sendo preparados em escolas especiais, permaneceu pelo norte da Europa (Irlanda, Escócia e Gales) até ao final do século XVII, romanizando-se depois e servindo o Imperador. Até esta última fase, os bardos tinham sobre si a responsabilidade de refazer, na sua produção poética, toda a rede de valores e símbolos da cultura Celta, que só podiam ser transmitidos oralmente, dada a proibição que pesava sobre a sua transmissão em versão escrita⁷.

Por outro lado, a ourivesaria e a escultura, entre outras artes, exprimem símbolos nucleares da cultura, através dos quais o valor do espiritual sobressai.

Não só estes símbolos mas também vários dos indicadores do pensamento que os fundamenta são visíveis no ambiente e no comportamento (tanto individual como social) do açoriano. Em síntese, notem-se os seguintes:

Propensão para as artes

Analisada a partir da densidade percentual⁸, em comparação com Portugal continental (embora toda a Europa central, França e Península Ibérica tenha recebido e mantido esta herança céltica), nos Açores existe elevado número de

- Músicos; filarmónicas, escolas de música, bandas, grupos de folclore
- Escritores, poetas, cantadores de improviso
- Escultores, pintores
- Arte efémera, decorativa de rituais, celebrações e outras festividades (tapetes de flores, gastronomia sagrada).

Simbologias expressas na escultura e pintura

Dragões - Esses face a face e árvore cósmica (ex. Museu A. canga, pedra de chafariz)

Cruzes célticas (ex. Cemitério da Ribeirinha)

Espirais (ex. Relógio da Sé, Igreja do Porto Judeu, S. Miguel)

Trisceles (ex. Igreja da Misericórdia, Caixa de paramentos)

Triqueta (ex. Museu)

Comportamentos

Músicos e instrumentos - Uso da bombardinha e/ou oboé, gaita de foles/ acordeon

Matança (porco/javali) ritual no mês dos mortos

Ida “para o mato” (Templo?) em dias especiais

O culto dos mortos (pão por Deus)

Ritos Carnavalescos

Preponderância do Mito vs. História

Comparação entre tempo dispendido em tarefas ligadas ao “espiritual” (festas, celebrações, touradas, desporto, artes, educação), vs. “económicas” (trabalho pago, criação de economia)

Simbologias ligadas ao Sagrado

(em relação ao Culto do Espírito Santo)

Forma quadrada (cúbica) dos Tempos

Funções distintas destes em relação aos Templos “Cristãos”

Mais “Centro” do que Templo, onde se processa a Festa - casa do Imperador

Santuário, “bosque sagrado”, “ramadas”

Cores branco e vermelho (pureza/sagrado e sabedoria p/ Celtas)

Morte de touros na sagração do Rei (Esp. Stº Imperador, bezerro)

Indistinção entre o sagrado e o profano

Papel destacado da mulher

Filosofia independente da lógica

Sobre o valor do espírito

A caracterização actual deste pensamento, que pode ser aprofundada nos Açores ao longo de linhas específicas de investigação, poderá vir a criar uma nova mais valia, não só em termos pessoais, de consciencialização do açoriano para essa sua natureza, mas também ao nível do pragmático e do económico, como por exemplo, do turismo de lazer, com a valorização de um ambiente psico-emocional propício e adequado à meditação.

Para tal poder-se-á contar com os novos dados que surgiram a partir da neurociência, quanto à relação existente entre “espírito” e “corpo”. Mais concretamente, entre o real valor da abordagem ao “espírito”, em termos do que esta pode trazer de realização pessoal, concreta.

Este passo no sentido da concretização de algo que, até recentemente, sempre esteve reservado aos iniciados (em técnicas específicas de meditação, de abstracção, etc.), foi desvendado e, mais propriamente, aproximado do real, por mero acidente⁹.

A maior capacidade (talvez genética?) que alguns povos revelam na utilização mais intensiva do hemisfério direito do cérebro estará relacionada com a realização do ideal espiritual, que verdadeiramente, se resumiria a um reconhecimento dessa vertente da natureza humana (ligada a faculdades de intuição?), de contacto com o que é designado como “sobrenatural”, mas constantemente relegada a segundo plano pela centralização das atenções nas funções do hemisfério esquerdo, ao qual são atribuídas a “razão” (raciocínio lógico, numerologia, etc.).

Esta “descoberta”, a ser confrontada com outros trabalhos de investigação na área da consciência, recentemente publicados por António Damásio (2010) poderá contribuir para a concretização e compreensão de determinados traços personalísticos, os quais poderão esclarecer sobre a natureza do açoriano¹⁰ e do que se pode vir a entender, de futuro, por “açorianidade”.

Açorianidade revisitada

- Considerando como válida a teoria que revela a importância a atribuir ao papel do “Mito Fundador” das culturas em geral e, neste caso, da açoriana (no que respeita ao papel de coesão, de realização de um ideal, que se transforma em matéria cultural, ao longo dos séculos), presente no modelo espiritual herdado da cultura Celta;
- Considerando que esse ideal esteve presente no projecto das Descobertas, transformando-se em mito fundador (conforme sugere Mircea Eliade);
- Considerando a persistência que os traços nucleares desse mito revelam ao longo dos tempos, já comprovado pela Teoria das Organizações, mas individualizado pelos açorianos no empenho e energias empregues na sua concretização.
- Considerando Portugal (a Península Ibérica) como berço da celticidade (em conformidade com os resultados dos estudos genéticos atrás referidos).
- Considerando que a característica do ideal de espiritualidade aparece como superando o materialismo, na cultura Céltica, ao ser expresso não só na sua estrutura social e sistema político, mas também pelos vestígios arqueológicos deixados (na monumentalidade dos edifícios religiosos/funerários) assim como na arte, visíveis na Costa Atlântica de Portugal, Espanha, França, Grã-Bretanha e Irlanda.
- Considerando que os Açores (talvez por terem sofrido pressões menores em relação aos ideais economicistas), revelam ainda traços muito evidentes desse mito, no modo

como valorizam actividades “espirituais” (ou das quais não são retirados dividendos económicos), assim como no tempo que despendem nessas actividades;

- Considerando ainda os novos conhecimentos sobre “espiritualidade” provenientes das descobertas da neurocientista Jill Bolte Taylor, que aproximam soluções para a longa demanda da humanidade por esse bem;
- E considerando o modo como, de futuro, serão valorizadas as culturas estruturadas segundo os seus princípios

Deverá o conceito “açorianidade” ser revisto e reformulado face à nova panorâmica que se abre para os Açores em áreas como:

- a) o crescimento espiritual humano,
- b) a identificação dos comportamentos indicadores desse crescimento,
- c) a criação de sistemas de protecção,
- d) o desenvolvimento de modelos de sustentabilidade para essa vivência

No entanto, é de prever que o reconhecimento “oficial” deste posicionamento desencadeie processos conflituosos, resultantes da inevitável secundarização de objectivos relacionados com o “progresso económico”, o qual trás como consequência hábitos de aquisição desregrada de bens de consumo e uma dependência doentia no sistema criado.

O posicionamento oposto, de valorização do crescimento espiritual, sempre esteve implícito no comportamento do açoriano, embora inconfessável devido à pressão exterior (Occidental e maioritária) do economicismo, apoiada pelos Governos Regionais. Uma conciliação entre os dois paradigmas culturais pode ser conseguida através da caracterização do problema, acompanhada de uma redução das expectativas colocadas sobre a população.

Por outro lado, a crise económica em decurso, ao revelar fragilidades do sistema capitalista, abre oportunidade à apresentação de novos modelos, dos quais o do desenvolvimento espiritual corresponde a um velho ideal da humanidade, agora talvez mais acessível.

De salientar que este ideal pode significar a traço filosófico de união entre o Occidente e o Oriente.

Bibliografia

- DAMÁSIO, António. *O Livro da Consciência*. Lisboa: Circulo de Leitores, 2010.
- ELIADE, M.. *Tratado de História das Religiões*. Lisboa: Edições Cosmos, 1970.
- LE ROUX, Françoise; GUYONVARCH, J. Christian. *A Civilização Celta*. Lisboa: Publicações Europa América, 1993.
- NELSON, Theresa. The Role and Influence of Firm Founders. In DUVAL-HAMEL, J.; BOURNOIS, F. (eds.). *Encyclopaedia of Executive Governance*. Paris: European School of Management, Economica, 2007. Disponível em: http://www.simmons.edu/som/faculty/docs/The_role_and_influence_of_firm_founders.pdf Acesso em 13/09/2010.
- SCHEIN, Edgar H.. The Role of the Founder in the Creation of Organizational Culture. In: *Massachusetts Institute of Technology (MIT), Sloan School of Management*, 1983, p. 221-238. Disponível em: http://www.ffi.org/user_files/documents/2009/fbr/2009_1_fbr_theroleofthefounder.pdf Acesso em 13/09/2010.

Notas

¹ Doutorada em Psicologia Social, ISCTE, Lisboa 1998.

² Incluindo a designação “açorianidade”, atribuída a Vitorino Nemésio, vários estudos de L.S. Ribeiro, Álvaro Monjardino, Rolando Lalanda, Onésimo de Almeida, F. Maduro Dias, entre outros.

³ Texto traduzido da publicação da definição, nas actas da 32ª Sessão da Convenção de 2003.

⁴ Esta nova perspectiva histórica deve-se a George Duby e Robert Mandrou, que nos anos 1950s lançaram a Disciplina, na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris; e a Marc Bloch, com a “Escola dos Annales”, a qual influenciou a “Nova História”, dando lugar à “História das Mentalidades”

⁵ Cf. MCEVOY, B; RICHARDS, M; FORSTER, P; BRADLEY, DG. The Longue Duree of genetic ancestry: multiple genetic marker systems and Celtic origins on the Atlantic facade of Europe. In: *Am J Hum Genet.* 75(4), 2004, p. 693-702; SYKES, Bryan. *Blood of the Isles. Exploring the genetic Roots of our tribal Hhistory.* London: Corgi Books, 2006; OPPENHEIMER, Stephen. *The Origins of the British. A genetic detetive Story: the surprising Roots of the English, Irish, Scottish, and Welsh.* New York: Carrol & Graf Publisher, 2006.

⁶ Filósofo das Religiões, Romeno, 1907-1986.

⁷ Este comportamento assemelha-se um pouco à linha desenvolvida pelos “Cantadores” e/ou Improvisadores açorianos, assim como continentais.

⁸ Não comprovado factualmente.

⁹ Uma neurocientista americana, Jill Bolte Taylor, ao sofrer um derramamento cerebral que lhe afectou o hemisfério esquerdo do cérebro, pode analisar (apenas através do hemisfério direito) a nova visão do mundo que este fornece, e que se parece muito com o “paraiso”, de tal modo que não lhe apetecia “curar-se”. Disponível em: http://www.ted.com/talks/jill_bolte_taylor_s_powerful_stroke_of_insight.html Acesso em 13/09/2010.

¹⁰ Embora com maior acentuação em algumas Ilhas, em conformidade com a origem (mais ou menos céltica, de acesso ao poder espiritual) das respectivas populações.